
EM BUSCA DE UMA APROXIMAÇÃO ENTRE OS PROCESSOS FORMATIVOS E AS CULTURAS DOS TRABALHADORES ¹

Suzana Burnier*

RESUMO

A pesquisa descreve e analisa os processos de construção e reconstrução das visões de mundo e dos projetos de trabalhadores técnicos de nível médio em seu diálogo com a dinâmica cultural da sociedade na modernidade tardia. Com foco nas concepções dos sujeitos, procurou-se identificar, descrever e interpretar o diálogo desses sujeitos, oriundos de diferentes contextos sócio-culturais, com os padrões culturais e disciplinares modernos encontrados, em diferentes graus e formas, nas famílias, vizinhança, escolas, empresas e nos espaços de sociabilidade e lazer. As conclusões do estudo apontam para a clássica tensão entre sujeito, subjetividade e identidade, de um lado; e racionalidade, universalidade e vida social, de outro, equacionada de diversas maneiras nos vários grupos culturais. Nesse quadro complexo, os técnicos constroem suas visões de mundo e projetos, plenos de limites, mas também de possibilidades.

Palavras-chave: trabalhadores, cultura, sociedade moderna.

Em tempos de modernidade tardia (GIDDENS, 1991), marcados por uma forte penetração da lógica de mercado em praticamente todas as dimensões da vida social e individual potencializada pelas novas tecnologias, interessa-nos investigar e discutir como trabalhadores qualificados de nível médio vêm-se posicionando frente aos inúmeros desafios postos pela vida social. Em que medida, trabalhadores,, em países de urbanização e industrialização recentes, como o Brasil, absorvem ou recusam as práticas e representações oriundas da racionalidade do mercado? Ou como eles adotam seus critérios e projetos oriundos de outras lógicas, como aquelas oriundas das tradições populares? Que normas e valores são eleitos em seus sistemas classificatórios?

Buscando elucidar tais questões, desenvolvi uma pesquisa junto a 20 sujeitos (4 mulheres e 16 homens), técnicos de nível médio nas áreas: mecânica, telecomunicações ou eletricidade. Esses sujeitos foram acompanhados ao longo de 3 anos através de entrevistas recorrentes, com as quais pretendi coletar dados em diferentes situações de suas vidas, a fim de perceber os movimentos ocorridos em suas trajetórias e captar suas escolhas e decisões, percebendo-os sujeitos do processo de fabricação sociológica da cultura (AGIER, 2001). Além disso, foram também entrevistados pais e/ou mães de três desses técnicos, buscando captar as trajetórias familiares nas quais se constituíram tais sujeitos. As primeiras entrevistas foram organizadas numa linha de história de vida, porém sem roteiro rígido. As entrevistas subseqüentes foram abertas, captando o momento presente de cada entrevistado, respeitando os enfoques por eles definidos.

O interesse pelo estudo de visões de mundo e projetos entre trabalhadores qualificados que motivou este trabalho nasceu da necessidade de ampliar os conhecimentos acerca de um segmento

¹Uma versão desse texto foi apresentada na IV International Conference – Journal of Vocational Education and Training, Londres, Universidade de Greenwich, 12-15 de julho de 2003.

*CEFET-MG

dos trabalhadores brasileiros - os trabalhadores qualificados de nível médio - para além do trabalho, sem desconsiderar a importância desta dimensão em suas vidas.

Nesta direção, este trabalho focaliza propositadamente dois aspectos - visões de mundo e projetos - que procuram abarcar as práticas e representações² desses sujeitos em relação a um leque de várias questões, como trabalho, lazer, família, escolas e estudos, casamento, consumo cultural, religião, metas, valores, escolhas políticas, participação, estilos de vida e sociabilidade. O que se pretende é oferecer uma visão mais ampla acerca dos trabalhadores, associada ao conceito de cultura³, que permita conhecê-los como sujeitos completos, com sua história, seus sonhos, seus desafios e esperanças, e com os sentidos que vão conferindo ao que vivem, ouvem e vêem ao longo do conjunto de suas experiências de vida.

Só uma abordagem como essa possibilitará uma compreensão ampla desses sujeitos que oriente um diálogo com eles, seja nas escolas, nos processos de formação profissional, nos sindicatos, nas associações ou nos movimentos sociais, nas igrejas ou nos debates políticos, enfim, na vida social.

Além disso, a heterogeneidade é a grande marca das classes trabalhadoras brasileiras, categoria dentro da qual se encontram realidades tão díspares quanto trabalhadores do campo ou da cidade, inseridos no mercado formal ou informal, ligados a um ou outro setor da economia, qualificados e não-qualificados. Essa diversidade exige que pesquisas sejam feitas, visando cada um dos diferentes segmentos desse grupo, buscando conhecer sua realidade concreta. Os estudos precursores no campo da Sociologia traziam visões negativas dessa heterogeneidade, vista como empecilho à construção de uma identidade de classe ou de ações coletivas. Essas concepções perduraram até os anos de 1970, quando se começou a reconhecer as diferenciações internas não mais como uma carência ou obstáculo, mas como expressão das formas diversificadas de constituição desses sujeitos (Sader; Paoli, 1986). Daí a adoção por inúmeros autores das expressões “classes populares” ou “classes trabalhadoras”⁴ que assumem essa heterogeneidade.

Assumindo que “as realidades são tantas quantas as representações” (*ibid*, p.64) e que os agentes estão referidos à irredutibilidade de cada situação, diversos autores destacam a necessidade de estudarem-se os diferentes segmentos de trabalhadores em suas condições concretas, com suas

²Adota-se aqui o sentido proposto por Chartier, segundo o qual as representações são operações mentais que permitem apreender o mundo, sempre inscritas historicamente e em diálogo com outras possíveis “leituras”, gestadas a partir de outras posições ocupadas, no mundo social, por outros sujeitos. Implica um trabalho de classificação da realidade, práticas que dão a reconhecer uma identidade social e formas institucionalizadas e objetivadas que dão visualidade e permanência à existência de um coletivo. As representações são, portanto, a um só tempo, matrizes de discursos e de práticas diferenciadas (CHARTIER, s.d). Práticas e representações articulam-se, pois, intimamente, referindo-se “a esquemas construídos, correspondentes aos interesses dos que os geram. Sendo assim, somos ‘obrigados’ a estabelecer relações entre o que é dito ou pronunciado e o lugar social daquele que o profere” (DAUSTER, 2000, p.48).

³Estou utilizando o conceito de cultura em seu sentido antropológico, que pretende abranger a teia composta pelo conjunto de significados construídos em referência às diferentes dimensões da existência humana. Tal conceito será aprofundado adiante.

⁴Estaremos trabalhando nessa pesquisa com a noção de classes trabalhadoras conforme utilizada por Duarte, segundo a qual são “assim entendidos os grupos [muito diferenciados] de nossas sociedades modernas que não só dependem exclusivamente de seu próprio trabalho para a reprodução social, como expressam nessa condição (a de trabalhadores) sua marca precípua de auto-identificação positiva” (DUARTE, 1986,p.10 e 126). Segundo Guedes, há pertinência teórica na concepção de uma cultura de classe trabalhadora, ainda que sua especificidade se construa num campo sociocultural atravessado por múltiplos eixos de identificação e diferenciação (GUEDES, 1997).

práticas e representações, sempre em construção e re-construção, o que se constitui no eixo central da presente investigação, na qual se dedica ao levantamento e à análise das visões de mundo e projetos de um segmento das classes trabalhadoras brasileiras, os técnicos de nível médio.

CONSTRUINDO UMA ABORDAGEM SOBRE A TEMÁTICA DO TRABALHO E DOS TRABALHADORES

Nossa abordagem acerca dos técnicos de nível médio se inscreve na tradição dos estudos que centram sua atenção nas visões de mundo, nas práticas e representações de sujeitos concretos e comuns, em seu diálogo com o contexto em que se encontram inseridos. Esse tipo de abordagem parte do suposto de que a história e a sociedade, bem como os sujeitos individuais e coletivos, são construídos no cotidiano, em ritmos e processos em que permanências e mudanças nem sempre são perceptíveis a “olho nu”. Nesse cotidiano, nas figuras desses sujeitos, gestam-se forças instituintes, reforçam-se algumas idéias e práticas, enquanto outras são recusadas.

Os trabalhadores não são mais personificações da estrutura, nem apenas objetos da exploração do capital, nem apenas produtos das instituições políticas, e nem mais pura realidade empírica que o cientista social trataria de classificar, catalogar, registrar. São sujeitos que elaboram e produzem representações próprias, de si mesmos: como trabalhadores, ou favelados, ou mulheres, ou operários, ou tudo isso, dependendo do movimento de vida coletiva na qual constroem sua experiência (*ibid.*,p.62).

Os seres humanos são ativos ante a realidade: exercitam a reflexividade (GIDDENS, 1977 - só consta na referência data de 1991, favor rever data certa.), buscam sentido para as experiências vividas, apropriam-se, recusam ou ressignificam mensagens, mantendo o dinamismo cultural. Esse movimento é especialmente acentuado na sociedade moderna com a enorme ampliação das oportunidades de trocas materiais e simbólicas com o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicações. Os seres humanos são, a um só tempo, frutos dos contextos concretos com que dialogam ao longo de suas trajetórias de vida, e produtores desse mesmo contexto, através de suas escolhas, orientadas por suas crenças e disposições, expressas nos esquemas geradores de suas classificações.

Afirmar que os sujeitos se fazem no cotidiano implica ainda acreditar que é nessa temporalidade contínua do passar das horas, dos dias, dos anos e das gerações que se secretam lentamente as idéias, os valores, os hábitos, os projetos que impulsionam e dão sentido às ações dos atores sociais. Essa temporalidade abarca, portanto, o conjunto da vida. Em nosso caso, significa que, para se compreender o universo cultural, as atitudes e escolhas dos trabalhadores é preciso ir além de um único momento e de espaços circunscritos. Dialogando com as pesquisas predominantes sobre trabalhadores, afirmamos a necessidade de se ir além do mundo da produção e “(...) arrebentar os muros da fábrica e reconhecer que os indivíduos não são somente trabalhadores, mas trazem para a fábrica a vida fora da fábrica, mediada pelo indivíduo e suas representações e experiências. É necessário que se arrebente os muros da fábrica não só com a subjetividade do trabalhador, mas por uma caracterização maior do mundo, além do universo da produção” (CASTRO, 2000).

Diante desses inúmeros contextos enumerados por Arroyo, os atores realizam o que Evans Pritchard (Apud AGIER, 2001) chamou de uma *seleção situacional*: diante de determinada situação, os sujeitos selecionam, dentre as crenças disponíveis, aquelas que lhes convêm, a partir de critérios oriundos das tradições de sua formação, das experiências atuais e de seus projetos de futuro. Essa idéia é relacionada às concepções consagradas pela Antropologia de ressignificação e sincre-

tismo (SANCHIS, 1994- consta 1996 na referência, favor rever e colocar data certa.), também discutida por Canclini (1990) sob o conceito de hibridização, que apontam para um dinamismo da cultura das sociedades complexas industriais modernas para além da dinâmica um tanto mecânica da mera oposição entre coerção e resistência. Muito além de serem coagidos ou de resistirem, os sujeitos podem ainda produzir novos padrões culturais, compondo criativamente novos conjuntos de valores, hábitos, regras, símbolos e ritos, a partir do estoque cada vez mais ampliado a que têm acesso.

Essa concepção do sujeito (individual e coletivo) como atuante sobre o mundo social, construtor e reconstrutor de valores e significados, exige uma nova abordagem nos estudos sobre os trabalhadores e sua formação. Se os trabalhadores, sujeitos inseridos no dinamismo da modernidade tardia, estão em contato com inúmeros valores, projetos e identidades originários de diferentes contextos, grupos e instituições, e produzem sínteses originais a partir desses elementos, então torna-se imperativo “conhecer os contextos concretos com os quais dialogam e, diante disso, investigar as sínteses que produzem, que elementos selecionam e os valores que definem os critérios utilizados para essa seleção”.

Daí trabalharmos com a idéia de *visões de mundo* dos trabalhadores, no sentido de captar o *mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos* (GEERTZ, 1987, p.35). O campo da Antropologia nos oferece um instrumental teórico-metodológico bastante adequado. Tradicionalmente orientada para o estudo das diferentes culturas, a Antropologia vem desenvolvendo, nas últimas décadas, uma significativa linha de estudos sobre as sociedades complexas, também focados na questão cultural.

Pretendo analisar **visões de mundo e projetos**, elementos *constituintes do e constituídos pelo* universo cultural dos atores sociais diante das transformações da modernidade tardia. Para isso, coloca-se a necessidade de uma abordagem do conceito de cultura ou de um novo aparato conceitual que abarque toda essa complexa dinâmica cultural em que as instituições-referência parecem perder lugar, onde identidades são vistas como fluidas, e muitas vezes não mais referidas ao contexto local, mas a contextos globais, tais como as regras internacionais do mercado de trabalho, o lazer e o consumo, dentre outras. Sanchis (1996) constata a emergência de um novo paradigma na Antropologia, que busca responder aos seguintes desafios postos pelas sociedades complexas contemporâneas ao conceito de cultura: conectividade global, diálogo obrigatório e diversificado com a “modernidade”, o “capitalismo” e o “individualismo”; conflitos intraculturais, desigualdade e a universalidade do fenômeno político; o destaque cada vez maior do indivíduo, ainda que sempre articulado à “globalidade”, à “sociedade”, à “estrutura” e, finalmente, a generalização da idéia de “processo”, segundo a qual a cultura, mais do que um acervo de traços, é um processo intercomunicacional marcado por criação e desaparecimento, estruturação e desestruturação. Por isso, a identidade não mais *é*, mas *faz-se e desfaz-se*, inventa-se e reinventa-se constantemente, no processo denominado *de cultura in progress*.

Vejamos o que nos dizem nossos dados.

SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA: FAMÍLIA, VIZINHANÇA E ESCOLA

Os técnicos investigados foram socializados em dois grupos básicos de famílias: aquelas de origem popular, cujos chefes eram trabalhadores não-qualificados ou semi-qualificados (vendedores balconistas ou ambulantes, ferroviários, motoristas de ônibus ou táxi, operários metalúrgicos, ferro-

viários) e aquelas famílias cujos chefes eram trabalhadores qualificados pertencentes aos setores médios (professores universitários, enfermeiras e técnicos de nível médio).

Devido às suas condições de vida num país como o Brasil, onde apenas 10% da população economicamente ativa recebe mais do que US\$ 6,000 (seis mil dólares) anuais, as famílias de origem popular procuram intensamente socializar seus filhos numa ética do trabalho. Isso se dá tanto em função da necessidade de incorporar novos membros na tarefa de sustento da família quanto pela necessidade de afastar as crianças e jovens das ruas, do ócio e da marginalidade, sempre tangencial às suas experiências cotidianas. Entretanto, como em sua maioria esses pais e mães são oriundos de áreas rurais (a urbanização e a industrialização no Brasil só se tornam fenômenos generalizados a partir dos anos 70), essas famílias muitas vezes não possuem as habilidades necessárias para inserir os filhos na racionalidade moderna. Porém, naquelas famílias cujos chefes já estavam inseridos no mercado industrial, encontramos projetos muito claros e dotados de sistematização, voltados para a inserção dos filhos nas modernas “disciplinas”⁵: controle do tempo, do espaço, do corpo, das relações sociais. Nesses projetos, a qualificação para o trabalho dos filhos através de cursos profissionais é elemento-chave, ainda que inalcançável para a maioria, devido tanto às características excludentes do mercado de trabalho quanto à mencionada dificuldade de grandes grupos populacionais de se inserirem nos códigos culturais modernos.

O curioso aqui é o fato de que a maioria das famílias dos investigados não apresenta atitudes relativas a um superinvestimento escolar-familiar, no sentido conferido por Laurens, qual seja, o de uma mobilização escolar-familiar caracterizada por um conjunto de atitudes cotidianas intencionalmente construídas com o objetivo de garantir o sucesso escolar dos filhos. O fato é que mesmo assim esses sujeitos conseguiram concluir a escola fundamental e obter sucesso num concorrido exame de seleção para um importante centro de educação tecnológica.

Alguns fatores explicativos desse sucesso escolar seriam: uma mínima estabilidade das famílias, tanto no que se refere à sua estrutura quanto à sua condição econômica, apesar das limitações, e ainda, as características individuais dos sujeitos investigados que, sem sombra de dúvidas, ajudam a compor suas vidas e seu destino social.

Já aqueles técnicos oriundos de famílias de setores médios vivenciaram processos de socialização primária bastante diversos. Tendo tido uma infância em famílias que poderíamos classificar como *child centered*, onde as crianças são dispensadas de contribuir com o sustento econômico do grupo e liberadas para os estudos e as brincadeiras, esses técnicos só irão se defrontar diretamente com a lógica e as regras do mundo do trabalho quando de seu ingresso na escola profissionalizante quando, pela primeira vez, conviverem com jovens dos setores populares na condição de seus iguais (colegas, estudantes). Esses técnicos demonstram, então, grande respeito pelos esforços e conquistas de tais colegas e ampliam assim sua experiência social para novos grupos sociais, absorvendo valores e práticas dos mesmos – o que, via de regra, é muito raro nos segmentos médios brasileiros.

A experiência na escola de formação profissional

O ingresso na escola profissional percorre diversos caminhos. Informações referentes a diversos modelos de cursos de qualificação profissional circulam nas famílias e bairros populares.

⁵“Disciplinas” aqui de acordo com o conceito de Michel Foucault em *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

Circulam na cultura popular casos notáveis de conhecidos ou parentes que conseguiram qualificar-se profissionalmente através de cursos e, com isso, conquistaram postos de trabalho socialmente valorizados em grandes empresas.

A escola profissional cursada por meus entrevistados é pública, de longa tradição (90 anos) e possui excelente conceito na sociedade, apesar de serem conhecidos os problemas que ela vem enfrentando desde os anos 90. A escola oferece atualmente mais de 10 diferentes cursos técnicos. Sua tradição de ensino é calcada numa mistura entre os modelos tradicional e tecnicista de ensino que ali, paradoxalmente, incorporam discursos e objetivos voltados para a formação de cidadãos críticos. Os alunos são submetidos a jornadas bastante intensivas de aulas teóricas e práticas, seguidas de volumosas listas de exercícios, trabalhos e relatórios para casa, além de provas rigorosas. Vários dentre os entrevistados fizeram seu curso técnico à noite, trabalhando durante todo o dia para garantir sua sobrevivência e contribuir em casa. Tanto nesse caso como no daqueles que até então nunca haviam dedicado maior esforço aos estudos nas precárias escolas públicas de periferia que haviam cursado até então, todos declaram ter aprendido a “correr atrás” do que querem, ou seja, desenvolveram capacidades de iniciativa, autonomia e de estabelecerem objetivos a médio prazo e perseverarem em estratégias, mesmo árduas, a fim de alcançar os objetivos propostos.

Para aqueles oriundos das camadas populares, de famílias constituídas por pais semi-analfabetos, isso não é pouco. Entretanto, a mesma disciplina que educa o espírito, pode também educar a vontade para submeter-se a terceiros, no caso, o professor ou alguma outra autoridade em questão, sem que o jovem internalize o valor intrínseco às atividades desenvolvidas, aos conteúdos estudados, ou seja, capaz de elaborar seus próprios projetos. Além disso, ao chegarem ao mercado de trabalho e assumirem o lugar de adultos na vida social, vários deles ressentem-se da falta de oportunidades durante sua escolarização, de desenvolver habilidades como a comunicação, gerenciamento de processos e de pessoas e até mesmo de leitura.

Alguns técnicos avaliaram sua formação como excelente no aspecto acadêmico e nas ciências exatas, deixando a desejar na parte prática e principalmente na formação humana mais geral. Ressentem-se também da falta de uma formação para a vida política e sindical, para uma contribuição mais significativa no desenvolvimento da sociedade brasileira frente às suas inúmeras contradições.

Durante as entrevistas, foram destacadas pelos técnicos, em suas experiências durante os anos de formação profissional, atividades como aulas de música, de atletismo e de literatura, o que demonstra sua sede por ampliação cultural, e ainda aulas práticas, em que percebem uma maior conexão com a vida real e o mundo do trabalho. O sistema de avaliação da escola, bastante exigente, também é visto como importante fator na formação acadêmica do aluno e ainda na construção de um senso de disciplina e de uma auto-imagem positiva. Para os jovens de origem popular, se eles são capazes de alcançar aprovação num sistema escolar tão exigente, eles também o serão na vida profissional e social. O impacto desse tipo de experiência precisa ser cotejado com a experiência escolar das classes trabalhadoras no Brasil, em que a escola pública para todos só foi de fato alcançada a partir dos anos 80, mesmo assim, com consideráveis limitações de qualidade. Mas que tipo de relação com o saber eles desenvolvem num tal contexto? Segundo Bernard Charlot, a relação com o saber envolve uma visão de si mesmo, do outro e do mundo e, ao que parece, muito pouco desse tipo de reflexão é possibilitado num sistema centrado exclusivamente na transmissão de conhecimentos.

OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO CONSTRUÍDOS NA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Infelizmente nosso espaço aqui não permite uma análise mais aprofundada das ricas, diversas e contraditórias experiências de trabalho de nossos entrevistados, iniciadas na infância, quando vários vendiam alimentos nas portas das fábricas ou de casa em casa⁶. Alguns participaram de programas de profissionalização de jovens, aos 15 anos, e apenas 6, dentre os 20 entrevistados, ingressaram pela primeira vez no mercado após a conclusão do curso técnico de nível médio.

O mercado de trabalho, inicialmente visto como o lugar em que alcançarão a cidadania, o reconhecimento social e a estabilidade econômica através de seu esforço e de sua competência profissional, logo se mostra excludente, competitivo e elitizado. Apesar de seus incansáveis esforços, os técnicos percebem que os melhores postos, especialmente a partir dos anos 90, só são alcançados caso se possua um diploma de curso superior. O diploma de técnico de nível médio, se lhes assegura o ingresso no mercado formal, num país em que grande parte da população economicamente ativa trabalha na informalidade, não possibilita, entretanto, o acesso a um salário que permita realizar seus projetos: possuir casa própria, um carro, garantia de uma boa educação e assistência médica aos filhos e acesso mínimo a espaços e atividades de lazer⁷. Não é difícil entender, então, porque os técnicos terminam procurando os cursos universitários, a despeito da condenação dessa atitude pelo Banco Mundial, importante financiador de programas de qualificação profissional no Brasil.

Entretanto, o salário não é o único fator que abala as esperanças iniciais depositadas pelos entrevistados em seus diplomas de técnicos. Eles se queixam também de tarefas monótonas e repetitivas (mesmo ocupando postos especializados em empresas de alta tecnologia!), dos ritmos da produção e das enormes exigências de qualidade sem um retorno que recompense seus esforços. Também as relações sociais no trabalho são consideradas pela maioria dos entrevistados como bastantes insatisfatórias. Situando-se a meio de caminho entre os trabalhadores não-qualificados e os engenheiros, os técnicos de nível médio demonstram possuir uma ótica própria acerca do mundo do trabalho, ótica essa que persiste mesmo no caso dos que completaram o curso universitário e alçaram postos de chefia. Posturas de solidariedade com aqueles que estão em postos hierarquicamente inferiores, calcadas no valor-igualdade, estão constantemente presentes em suas práticas e representações, desafiando o valor-competição propugnado pela ideologia empresarial.

SOCIABILIDADE E LAZER

Na análise da sociabilidade e do lazer dos técnicos, referindo ao tipo de uso que fazem do tempo liberado do trabalho e das ocupações obrigatórias, procuro discutir quando, como e onde eles buscam atividades de descanso, divertimento e desenvolvimento desinteressado? Em que medida a metrópole oferece-lhes e eles utilizam espaços diversificados para tais fins?

⁶Maiores detalhes em Burnier, Suzana. *Os significados do trabalho segundo técnicos de nível médio. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Anual da ANPEd, GT: Trabalho e Educação. Poços de Caldas, 2003.*

⁷O salário médio dos técnicos de nível médio entrevistados está hoje na faixa de US\$ 6,000 anuais, que correspondem ao Salário Mínimo Necessário, segundo os sindicatos. Já aqueles que, após cursarem a universidade, ocupam cargos de nível superior recebem, em média, US\$ 11,000 anuais, ou seja, quase o dobro dos primeiros.

Além do campo de possibilidades em que os técnicos investigados encontram-se inseridos, também suas visões de mundo e modos de vida definem suas escolhas em termos de práticas de sociabilidade e lazer. É necessário fazer uma certa distinção entre esses dois eixos de definição das suas práticas para evitarmos tanto o reducionismo economicista quanto o idealismo voluntarista que contamina muitas análises. Assim, vamos inserir sua sociabilidade e lazer no quadro mais amplo da teia de significados tecida com os fios do conjunto das experiências e representações que participam da constituição daquelas práticas.

A organização dos tempos de vida e os valores que orientam seu universo cultural destacam-se como os dois eixos básicos da constituição das experiências de sociabilidade e lazer dos técnicos investigados: a organização dos tempos, pela total escassez do mesmo, em especial até o momento, no ciclo de vida, de sua estabilização profissional no patamar almejado, que, conforme vimos, é bastante variável. Até alcançarem o nível salarial almejado, os técnicos dedicam-se intensamente a estudos regulares ou adicionais, lutando com a única arma de progressão salarial que conhecem: a qualificação profissional. Entretanto, dado o caráter monótono e repetitivo da maioria das ocupações técnicas, mesmo os que alcançam um patamar salarial razoável nessas ocupações, ainda irão aventurar-se pelos estudos superiores e pós-graduados em busca de uma ocupação interessante e significativa, ou ainda para, pelo menos temporariamente, quebrar a rotina, estudando. Ao tentar conciliar trabalho, estudo e obrigações familiares, o tempo disponível para lazer é mínimo, e com ele ainda compete o tempo destinado ao repouso, sempre defasado.

A limitação de tempo concorre com outra circunstância: a restrição da oferta de alternativas de lazer e espaços de encontro, mesmo vivendo todos eles numa importante região metropolitana. Ocorre que os espaços culturais e de lazer concentram-se majoritariamente nas áreas centrais ou nobres da cidade: cinemas, teatros, clubes, parques, festas e shows. Poucos vivem em bairros que oferecem alguma dessas opções, como Hugo, que mora perto de um parque municipal, que usa com frequência, junto com as filhas. Os demais, morando em bairros populares ou de classe média baixa, limitam-se, no cotidiano, ao shopping mais próximo, que, em oito casos, situa-se num município bastante industrializado da região metropolitana, com apenas duas salas de exibição de filmes, uma praça de alimentação e um espaço com jogos eletrônicos. Outro fator que interfere na disponibilidade de opções de lazer são os rendimentos que, conforme já vimos, são limitados e fortemente comprometidos, dentre outras despesas, com a formação paga – a própria e a dos filhos.

De maneira geral, eles elegem como companhias pessoas com orientação semelhante: “que têm objetivo na vida”, no sentido de projetos referenciados na melhoria de vida; pessoas “orientadas”, ou seja, detentoras de um referencial moral calcado no esforço, na disciplina, no autocontrole. Tangenciados que são por grupos e sujeitos à margem da sociedade, excluídos das relações socialmente valorizadas, do mercado de trabalho – marginais desempregados crônicos, alcoólatras (vários entrevistados fazem menção a vizinhos e colegas de infância nessa condição), a ética do esforço (“correr atrás”, “dar mais”, “vencer desafios”, “agregar valor”) é talvez um importante critério definidor das escolhas de suas companhias. Além disso, dadas as informações a que têm acesso via escola, trabalho e relações sociais, e devido à incorporação de tal ética, elegem suas relações de amizade em função de interesses e níveis de informação em comum. Muitos técnicos referem-se aos amigos como pessoas “inteligentes”, “bem informadas, que sabem falar de qualquer assunto”.

Vejamos as atividades a que alguns de meus entrevistados dedicam-se nas “horas vagas”: Luiza frequenta um clube aos domingos pela manhã, fica ali, lendo algum livro e tomando banho de sol. Não pratica nenhum esporte, nem tem conhecidos no clube. Segundo ela, o hábito de frequentar

o clube, assim como outras atividades de lazer que ela vem desenvolvendo ultimamente, deve-se a cobranças vindas do trabalho:

Olha, eu acho que é o seguinte: a gente acaba perdendo toda aquela parte que **é particular e inclusive que se exige, que a gente tenha vida particular**. Mas nas horas vagas você está fazendo o quê? Está fazendo curso pra ter um inglês. Mas acabam te condicionando muito ao perfeccionismo, aquela coisa. Então você tem que ser bom de liderança, você tem que ser bom de trabalho, você tem que ser bom de orçamento, bom...bom...E quem não é, aí vai cair na massa aí ... Vai ficar limitado no salário, isso. Então hoje aqui é tanta coisa que tem hora que eu fico louca com um negócio desse. Cê fica pirada! Mas eu queria ter minha vida mais pausada...Mas aí chega num emprego e eles querem saber qual o seu gosto particular, né, igual de filme, de seu hobby...Quer dizer, além disso tudo você ainda tem que ter tempo pra desenvolver alguma coisa que não tem nada a ver com o serviço, coisas interessantes. O ano passado eu fiz ginástica, fiz algumas coisas assim, mas o meu tempo vago eu vou estudar! O que que eu posso fazer? [Luiza]

Fica evidenciada aqui a forte relação entre trabalho e lazer, com esse segundo fator aparecendo como exigência do primeiro. Ao mesmo tempo que sente falta de maior tempo para sua vida particular, Luiza precisa investir seu tempo “livre” em estudo. Entretanto, vê-se obrigada a investir tempo em atividades de “lazer” e mostrar que tem uma vida “equilibrada”, a fim de satisfazer a mais uma demanda do mercado de trabalho. Na verdade, o desejo pessoal de Luiza é poder ficar em casa nos finais de semana, arrumar o quarto, brincar com o cachorro, conversar com a mãe e só sair para ir ao salão de beleza próximo, onde ela adora conversar.

Dentre os 20 entrevistados, apenas seis utilizam a internet regularmente. Três técnicos acessam no trabalho, mas com muitas limitações, enquanto onze não têm acesso a essa ferramenta. Esse é um dado relativamente surpreendente quando pensamos em trabalhadores técnicos, em atuação nas áreas técnicas e inseridos no mercado formal. Entretanto, podemos comparar o dado acima com aqueles levantados pela Pesquisa IBOPE/ TGI 2002, segundo os quais só têm acesso freqüente à Internet 12,5% da população da região metropolitana, onde os técnicos investigados residem.

Uma importante forma de ocupação do tempo de lazer consiste em ver televisão, o que, entretanto, ocorre em meio a um clima de forte conflito pessoal. Os técnicos se ressentem fortemente de “ficar em casa assistindo televisão” e desejam “fazer algo construtivo”, e “estar sempre evoluindo”. Seu sistema de valores os coloca numa posição crítica frente a atividades de baixo nível cultural, ao mesmo tempo em que não dispõem de condições de acesso a outro tipo de atividade de descanso mental e lazer. *Zapeiam* sem parar, não por ansiedade ou falta de concentração, mas por total desinteresse. Eu diria mesmo: aversão pela programação televisiva. Entretanto, criticam-se a si mesmos por serem incapazes de largar a TV e encontrarem outra coisa para fazer.

Mas eu, vira e mexe, eu tenho um livro e falo: -Vou pegar esse livro...Mas é cultura, mesmo, porque tem que ter hábito. Você tá aqui sem ter nada o que fazer. Eu não tenho aquele hábito de pegar um livro e ler. Eu sento na frente da televisão e não passa nada que presta. Eu fico trocando canal o tempo inteiro e fico ali trocando de canal e xingando: -Nó! Só passa porcaria! E em vez de eu desligar aquele trem e sair de lá e ir fazer outra coisa, não! Fico lá! Às vezes passa uma hora e eu fico lá: -Pô, que televisão porcaria! Mas eu fico lá, teimosão, querendo largar o trem pra lá... [Hugo]

Observa-se que os técnicos exercem sua capacidade de recepção crítica e seletiva da programação televisiva, porém vários deles encontram-se ainda, de alguma forma, reféns da mesma, uma vez que não vislumbram outra forma possível de ocupação do tempo livre que seja conciliável

com a convivência familiar e o cansaço ao final do dia, horário em que acessam e brigam com a televisão. Mas a televisão, como as mídias em geral, não deve ser vista exclusivamente numa ótica apocalíptica, segundo a qual a indústria cultural não passa de uma máquina de imposição da ideologia dominante sobre o resto da sociedade, homogeneizando os gostos e as emoções, narcotizando as consciências e veiculando produtos que dispensam qualquer esforço intelectual do receptor, nivelando por baixo os produtos da cultura e educando para uma atenção superficial, para o conservadorismo e para o conformismo (ECO, 1976). É importante atentar para o fato de que, de um lado, o receptor não é passivo: além de escolher, ele também analisa, aceita ou recusa e ainda ressignifica os produtos a que tem acesso através da indústria cultural, pois, “no consumo, há uma racionalidade sociopolítica interativa” (CANCLINI, 1997, p.52), como pudemos ver no caso de vários dos técnicos.⁸

A televisão, instrumento por excelência da indústria cultural, dá-lhes de fato conhecimento de inúmeras informações a que dificilmente teriam acesso de outra forma, como fatos e dados da vida política e econômica do país, informações de especialistas de diversas áreas (nos programas de entrevistas, muito vistos por eles), dentre outras.

Outro aspecto indiscutível da televisão é a sua intervenção na construção das identidades pessoais dos sujeitos, ou, para utilizar a terminologia comum a Giddens e J.B.Thompson, a construção simbólica do *self*. Para Thompson, se o *self* é ativo e criativo, ele também está inscrito num determinado acesso aos materiais simbólicos, que não estão disponíveis do mesmo modo a todos. É óbvio, então, o impacto do desenvolvimento dos meios de comunicação nos processos de autoformação, agora passíveis de estender-se para além das interações face a face, enriquecendo e acentuando a organização reflexiva do *self*. Podemos constatar um exemplo dessa situação em Leopoldo, garoto pobre, filho de mãe solteira, com circulação restrita pela cidade e que, trabalhando numa empresa de instalação de TV paga, adquiriu uma assinatura:

Noventa por cento dos meus CDs são CD internacional, importados. Rock, R&B ou pop. Vou te citar um exemplo: Oasis, Rage Against the Machine, Goo Goo Dolls. Gosto de CD que ninguém conhece aqui no Brasil. Eu gosto de ser diferente.

Suzana: E como é que você descobre essas bandas?

Leopoldo: Porque eu gosto muito de assistir o canal 29. Eu descubro essas bandas todas lá. [Leopoldo]

Temos então um típico caso de jovem com a identidade marcada, também, pelo gosto musical (dentre outras marcas de pertencimento de Leopoldo, que demonstra forte adesão ao discurso da empregabilidade ao lado de uma profunda admiração pelo patrão). Seu gosto musical possibilita-lhe ser “diferente”, contrastando sua auto-imagem com a dos colegas com quem usualmente se encontra e conversa. De fato, dentre todos os entrevistados, apenas Leopoldo citou esse tipo de músicas e bandas. Na verdade, o gosto musical adotado por ele é compartilhado por milhares de adolescentes e jovens brasileiros (e de todo o mundo), mas, pelo que ele declara distantes de suas relações face a face cotidianas, o que lhe traz orgulho de si. O gosto musical não o coloca, portanto, dentro

⁸Sobre a questão da recepção não passiva dos produtos da indústria cultural, Canclini (1990); Rocha (1995); e Thompson, J.B. (2000) - fazem um apanhado das diversas posições encontradas na literatura.

de um grupo social com o qual compartilha visões de mundo, experiências, maneiras de vestir-se, de pensar e de agir, como o que ocorre com os jovens que acham espaços e tempos onde estabelecer um contato pessoal e direto com outros que compartilham do mesmo universo simbólico, constituindo-se em grupos de estilos.

O estilo refere-se à organização ativa e seletiva de objetos que são apropriados, modificados, reorganizados e submetidos a processos de ressignificação, articulando atividades e valores que produzem e organizam uma identidade do grupo. Isso não parece ter sido encontrado (talvez nem mesmo procurado) por Leopoldo. Mas a televisão permite a ele uma maneira de encontrar elementos simbólicos com os quais estabeleça a diferenciação que demonstra desejar em relação àqueles com quem partilha seu cotidiano: parentes, vizinhos e colegas, o que não quer dizer que ele também não possua pontos de identidade com esses últimos. Ser “diferente” em alguns aspectos não exclui ser, ao mesmo tempo, igual em outros.

CONCLUSÕES

Agentes que são da *cultura in progress*, os técnicos entrevistados deixam-nos entrever os recursos de que dispõem - ou não - para ressignificar, incorporar ou recusar as ideologias a que têm acesso. Se encontramos homogeneidades em suas percepções, existem também variações entre os técnicos entrevistados, o que aponta para a existência de processos individuais de significação ao lado de mecanismos diversos de formação, além da escola, com os quais é necessário que os processos formativos dialoguem, como a televisão e os demais espaços de lazer, os usos da cidade, os sindicatos e movimentos sociais. Os valores e projetos circulantes nessas instâncias devem ser colocados em pauta nos processos formativos, possibilitando uma reflexão a seu respeito que possibilite uma tomada de posição mais informada pelos sujeitos.

Ao fim e ao cabo, podemos constatar, com base nos dados da pesquisa, que inserir-se na modernidade era um projeto central na maioria dessas famílias, cujo alcance encontra uma enorme potencialização com o ingresso dos filhos num programa de formação profissional reconhecidamente de qualidade. Por esse e por outros mecanismos (como a própria socialização familiar em alguns casos, a socialização em algumas igrejas, a inserção no mundo do trabalho) os técnicos inserem-se na racionalidade moderna, construindo estilos de pensamento calcados no planejamento estratégico de seus projetos, na análise racional de causas e efeitos, em gráficos e planilhas, etc. Entretanto, vimos ainda que se a racionalidade moderna proporciona reflexividade e também interesse no auto-desenvolvimento, ela, por outro lado, pode desconectar os sujeitos de suas referências identitárias. Alguns de meus entrevistados demonstram vivenciar situações de grande tensão, sentindo-se verdadeiros *trânsfugas*: nem pertencentes mais às famílias de origem rural onde foram criados, nem também aos segmentos de classe média com os quais convivem na universidade ou nas empresas. Identificamos ainda aqueles que, assumindo indiscriminadamente as ideologias provenientes do mercado, vêem-se em meio a um furacão de obrigações de auto-desenvolvimento, imersos nas angústias provenientes da responsabilidade pessoal que assumem, sozinhos, por seu destino social.

Formar trabalhadores, para além de oferecer-lhes saberes profissionais, implica em interferir em sua auto-imagem, em sua identidade, em suas histórias e projetos. É necessário conhecer essas histórias e oferecer oportunidades aos próprios sujeitos de reinterpretá-las, identificando os valores que os movem e os que movem o mundo contemporâneo, proporcionando um diálogo entre eles. Alguns dos meus entrevistados receberam um sólido referencial familiar, comunitário ou reli-

gioso que lhes ofereceram algum tipo de suporte e possibilitaram que, transitando entre fronteiras de classe e fronteiras culturais, constituam-se enquanto mediadores. Mas o que dizer dos que não possuem tal suporte? Onde poderão acessar recursos que lhes permitam superar a dolorosa condição de tráfugas? Que papel podem desempenhar nesses processos as instituições formadoras de trabalhadores, como as escolas profissionais, os sindicatos e os movimentos sociais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, 7 (2), p.7-33, 2001.
- BURNIER, S. Os significados do trabalho segundo técnicos de nível médio. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas. Trabalho apresentado na GT: Trabalho e Educação.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- _____. *Culturas híbridas*. México: Grijalbo, 1990.
- CHARLOT, B. *Le rapport au savoir en milieu populaire*. Une recherche dans les lycées professionnels de banlieue. Paris: Anthropos, 1999.
- CHARTIER, R. *A história cultural* – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, s.d.
- DUARTE, L. F. D. *Da vida nervosa das classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq, 1986.
- ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- GIDDENS, A. *Modernity and self-identity* – self and society in the late modern Age. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- GUEDES, S. L. *Jogo de corpo*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.
- GUIMARÃES, A.A. S. A. *Um sonho de classe*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- IBOPE. Pesquisa IBOPE / TGI / Associação Brasileira de Televisão por Assinatura. 2002.
- LAURENS, J. *1 sur 500* - la réussite scolaire en milieu populaire. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.
- PINHEIRO, P. S. Trabalho industrial no Brasil: uma revisão. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.14, p.119-131, 1975.
- ROCHA, E. *A sociedade do sonho*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.
- SADER, E.; PAOLI, Maria Célia. Sobre 'classes populares' no pensamento sociológico brasileiro. In: CARDOSO, R. *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.39-68.
- SANCHIS, P. A crise dos paradigmas em Antropologia. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p.23-38.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 2000.

RÉSUMÉ

La recherche décrit et analyse les procédés de la construction et de la reconstruction des visions du monde et des projets des techniciens de niveau moyen dans son relationnement avec la dynamique culturelle de la Société Post-moderne. Suivant leurs conceptions, on a recherché à identifier, à décrire et à interpréter le dialogue de ceux-ci qui provenaient de différentes couches socio-culturelles ayant des modèles culturels et disciplinaires rencontrés à différents niveaux auprès des familles, du voisinage, des écoles, des entreprises et des espaces pour le loisir. Les conclusions de cette recherche indiquent la tension classique entre le sujet, la subjectivité et l'identité d'un côté et la rationalité, l'universalité et la vie sociale d'un autre côté, équilibrant de diverses manières dans plusieurs groupes culturels. Dans ce cadre complexe, les techniciens construisent leurs visions du monde et des projets, plein de limites mais aussi de possibilités.

Most-cles: *travailleurs, culture, société moderne.*